



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e desigualdades

ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E CULTURAL NO QUILOMBO SANTA

TEREZA DO MATUPIRI: expressões de luta e resistência

BRUNO MACIEL CASTRO RAMOS ¹
PATRICIO AZEVEDO RIBEIRO ²
SANDRA HELENA DA SILVA ³

RESUMO: O artigo analisa as estratégias de organização sociopolítica e cultural desenvolvidas pelo movimento quilombola de Santa Tereza do Matupiri, área rural do município de Barreirinha, no Estado do Amazonas, com vistas a contribuir no acesso às políticas públicas sob a ótica do direito social. Faz parte de uma pesquisa qualitativa realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. As formas de organização no quilombo assumem importância, por um lado, no processo de afirmação da identidade política, por outro, contribui nas lutas e resistências frente às opressões capitalistas.

Palavras-chave: Organização Sociopolítica; Cultura; Quilombo; Movimento Social; Amazonas.

RESUMEN: El artículo analiza las estrategias de organización sociopolítica y cultural desarrolladas por el movimiento quilombola de Santa Tereza do Matupiri, una zona rural del municipio de Barreirinha, en el Estado de Amazonas, con el objetivo de contribuir al acceso a las políticas públicas desde la

1 Estudante de Graduação. Universidade Federal Do Amazonas

2 Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Do Amazonas

3 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Do Amazonas

perspectiva de derechos sociales. Forma parte de una investigación cualitativa realizada a través del Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica – PIBIC. Las formas de organización en el quilombo asumen importancia, por un lado, en el proceso de afirmación de la identidad política, por otro lado, contribuye a las luchas y resistencias frente a la opresión capitalista.

Palabras claves: Organización Sociopolítica; Cultura; Quilombo; Movimiento social; Amazonas.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no debate sobre o movimento social quilombola no contexto brasileiro e amazônico, sobretudo no que diz respeito às formas de organização social, política e cultural visando o acesso às políticas públicas e sociais na ótica do direito. Particularmente, faz uma análise a partir da realidade vivida pelos moradores do quilombo Santa Tereza do Matupiri, que está localizado na extensão do rio Andirá, área rural do município de Barreirinha, no Estado do Amazonas.

Inicialmente, vale dizer que as comunidades quilombolas constituem-se de grupos de resistência, resultado da luta histórica travada pelo movimento negro que forjou a “identidade quilombola”, sendo esta uma identidade política objetivando a afirmação étnica e o acesso aos direitos ancestrais e jurídicos, principalmente em áreas rurais da Amazônia brasileira onde a intervenção do Estado é incipiente e privilegia o grande capital.

No Estado do Amazonas, pertencente à Região Norte do país, existem/resistem 08 (oito) comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), sendo que, 05 (cinco) localizam-se territorialmente na área rural do município de Barreirinha, na sub-região Baixo Amazonas quais sejam: Ituquara, Boa Fé, Santa Tereza do Matupiri, São Pedro e Trindade; já no município de Novo Airão tem o “Quilombo do Tambor”; em Itacoatiara, o Quilombo Sagrado Coração de Jesus do Lago do Serpa; e, em Manaus, o quilombo urbano do Barranco de São Benedito, localizado na Praça 14 de Janeiro.

O Quilombo Santa Tereza do Matupiri, que foi *lócus* da pesquisa de campo, é

o maior quilombo populacional do rio Andirá com uma média de 230 famílias. Desde sua certificação pela FCP, em 2013, os moradores tem se organizado e resistido às investidas do capital naquele território, sobretudo em função do agronegócio resultando em conflitos agrários. Quanto à representação organizativa, o quilombo tem como base a Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha (FOQMB), a qual tem sede em Santa Tereza do Matupiri.

Nesse sentido, o artigo propõe uma análise sobre as estratégias de organização sociopolítica e cultural desenvolvidas pelo movimento quilombola de Santa Tereza do Matupiri, área rural do município de Barreirinha, no Estado do Amazonas, com vistas a contribuir no acesso às políticas públicas sob a ótica do direito social. Faz parte de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. O estudo de campo contou com 05 (cinco) lideranças quilombolas para os quais se aplicou entrevista semiestruturada, além da técnica de observação participante, uso do diário de campo e registros fotográficos.

A produção textual está sequenciada em duas partes, além desta introdução. A primeira apresenta o movimento quilombola no rio Andirá. A segunda discute os processos de organização sociopolítica e cultural no quilombo de Santa Tereza do Matupiri, e de que forma tal fato tem contribuído para o acesso às políticas públicas no meio rural amazônico; seguida das considerações finais.

2. O MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ: ASPECTOS HISTÓRICOS E ATUAIS

Fundamentando-se na análise de Moura (1987, p. 31), entende-se que desde quando ocorreram as primeiras formações dos quilombos, estes se constituíam “[...] em polo de resistência que fazia convergir para o seu centro os diversos níveis de descontentamento e opressão de uma sociedade que tinha como forma de trabalho fundamental a escravidão”.

Concorda-se com Leite (2000, p. 3) ao asseverar que “falar dos quilombos e

dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção”. Acrescenta-se à dimensão política a luta territorial que baliza outras pautas do movimento no que tange às políticas públicas.

Contemporaneamente vem avançando os debates e produções científicas acerca dos movimentos quilombolas e, ao mesmo tempo, reafirmando a importância desses povos no processo de formação social do Brasil e da Amazônia.

Particularmente, no movimento quilombola do rio Andirá, no baixo Amazonas, Rocha (2019, p. 370), diz que os caminhos de luta e resistência “torna-se um ato de inteligibilidade, solidariedade e responsabilidade para com as demais realidades amazônicas que tentam romper os silêncios da cor, para os quais foram colocados”. São lutas, conforme Ranciaro (2016), pela obtenção de ações que permitam garantir e reafirmar uma política de identidade subjacente ao estatuto da autonomia.

As comunidades quilombolas do rio Andirá pertencem administrativamente ao município de Barreirinha. Este município localiza-se na sub-região do baixo Amazonas; distancia-se acerca de 331 quilômetros da capital Manaus; sua população está estimada em 31.593 habitantes (IBGE, 2018). Sendo assim, é o vigésimo quarto município mais populoso do Amazonas.

Em termos administrativos, a área que compreende o contexto rural do referido município é formada por 16 (dezesesseis) Distritos, os quais representam um quantitativo de 160 comunidades e aldeias indígenas *Sateré-Mawé*. O Distrito do Matupiri, assim conhecido, compreende territorialmente as cinco comunidades quilombolas que se estendem pela extensão do rio Andirá: Santa Tereza do Matupiri, Boa Fé, São Pedro, Trindade, Ituquara. São essas que formam o movimento quilombola em articulação com outros movimentos sociais que existem no meio rural e que mantêm relação com os quilombos do rio Andirá.

Alguns estudos e pesquisas já foram realizados sobre o movimento quilombola no rio Andirá, com destaque para as produções de Ranciaro (2016), Rocha (2019) e Oliveira (2021).

Ranciaro (2016) debruçou-se em discutir a construção identitária dos

quilombos do município de Barreirinha, na região do baixo Amazonas. Em seu estudo, a autora aponta que no ano de 2009 foi fundada a Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha (FOQMB), a qual foi central no processo de reorganização do movimento quilombola do rio Andirá, sobretudo a partir de 2010. Para a autora, historicamente, categorizavam-se naquela região povos ribeirinhos e que, aos poucos começaram a reivindicar seus direitos territoriais e a identidade política de quilombola. Santa Tereza do Matupiri é quem protagoniza o início da luta e em seguida as demais comunidades adjacentes.

Rocha (2019), através na história oral, volta décadas atrás e propõe uma discussão sobre a história e memória do movimento quilombola no rio Andirá e as lutas por direitos. O autor percorreu os cinco quilombos e dialogou com os primeiros moradores a fim de identificar a emergência do movimento social, mesmo quando não se reconheciam como quilombolas ou quando ainda não eram comunidades certificadas. Assim, apresenta a chegada dos primeiros habitantes e a relação destes com os indígenas *sateré-mawé* que já habitavam o Andirá.

Tanto Ranciaro (2016) quanto Rocha (2019) dizem que, no primeiro momento a pauta central do movimento era a certificação das comunidades pela FCP e, em seguida, a titularidade das terras que, até o presente momento não conseguiram. Paralelo a isso, reivindicava-se (e continua) por políticas públicas que pudessem reconhecer a diversidade e as particularidades dos quilombolas na perspectiva da questão étnico-racial.

Oliveira (2021) concentra seus estudos no quilombo de Santa Tereza do Matupiri, uma vez que se trata do maior quilombo e é onde está assentada a administração da FOQMB. O autor retrata os conflitos e resistências que permeiam a história do Matupiri, além de caracterizar a realidade social, econômica, cultural e territorial do quilombo. Reflete sobre a educação e chama atenção para as mulheres quilombolas como protagonistas no desenvolvimento do movimento social.

Em minha trajetória como quilombola de Santa Tereza do Matupiri⁴, cresci ouvindo relatos e vivenciei muitas lutas travadas em busca de nossos direitos, entre essas lutas destaco o enfrentamento aos posseiros (fazendeiros que habitam a

4 Relato verbal do autor/bolsista deste relatório.

região do rio Andirá) que se dizem donos das terras e denominam o povo quilombola como preguiçoso que não querem trabalhar. Sempre estive presente nas reivindicações e nas assembleias da comunidade reiterando minha identidade política e étnica.

Ranciaro (2016) afirma que no processo das lutas sociais, destaca-se a militância de Maria Amélia (conhecida como Lurdes) na busca pela construção do que designa de “libertação do meu povo”. De forma estimulante e mobilizadora conclama seus parceiros a inserir-se na luta rumo à conquista de direitos. Priorizando enfaticamente em suas narrativas a regularização fundiária do direito territorial, o sentimento de pertença aflora convictamente quando se trata de adquirir tais direitos por via da organização, do fortalecimento e consolidação do movimento quilombola do rio Andirá.

Na constituição de um movimento social, como explica Almeida (2011), é importante a organização política e, no caso dos quilombolas, soma-se a questão cultural como elementar, tendo em vista a contribuição para lutas e resistências.

3. O QUILOMBO SANTA TEREZA DO MATUPIRI E O SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL NO RIO ANDIRÁ

O Quilombo Santa Tereza do Matupiri é o maior quilombo populacional do rio Andirá com uma média de 230 famílias o equivalente a aproximadamente 1.125 habitantes (RANCIARO, 2016). Em contato com os participantes da pesquisa, identificou-se que esse quantitativo já aumentou nos últimos anos, contudo ainda não foi atualizado pela FOQMB e nem pelo INCRA.

Uma das curiosidades dos pesquisadores que visitam o quilombo é a explicação da origem do nome. De acordo com uma de nossas entrevistadas (*Liderança 4*), a expressão Santa Tereza está relacionada à padroeira da comunidade e Matupiri diz respeito a um pequeno peixe que, no início de formação do quilombo era muito abundante tendo em vista o número reduzido de pessoas que habitavam a região, por isso, o lago que banha Santa Tereza recebeu o nome de

matupiri.

Do meio do rio Andirá, e já na chegada à comunidade, a parte frontal é identificada pela igreja de São Sebastião e pelo barracão que vai se tornar o museu vivo dos quilombolas do Andirá. E de outra área, na dimensão horizontal da comunidade está assentada a escola e a UBS além de algumas casas que demarcam essa identidade visual do quilombo Santa Tereza do Matupiri. Sobre isso, aponta Oliveira (2021, p. 65):

Ao se chegar ao Distrito de Santa Tereza do Matupiri por via fluvial, podemos encontrar arquiteturas com características similares às demais formações comunitárias às margens de lagos e rios da Amazônia, onde na área central da comunidade situa-se uma igreja e ao redor são erguidas modestas casas dos comunitários.

Figura 1 – Partes frontais do quilombo Santa Tereza do Matupiri, da escola e da UBS.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A afirmativa do autor é corroborada nas fotografias apresentadas. O quilombo está pautado na Federação das Organizações Quilombolas do Município

de Barreirinha (FOQMB), que é a representação central dos quilombos, fazendo as articulações em nível regional e nacional, considerando a parceria com a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ). A articulação com a CONAQ tem sido fundamental para a viabilização de recursos e outras formas de contribuição com o quilombo.

Em termos locais, o quilombo possui uma organização própria da seguinte forma: presidente da comunidade, da federação, da igreja; e coordenação da escola. Esta organização é importante para o trabalho comunitário, a exemplo da agricultura familiar por meio da qual se produz a roça, a plantação de cará entre outros, sendo mediado pelo puxirum. Chaves (2001) já alertara que o puxirum é uma prática social secular entre os povos amazônicos, diz respeito a uma formação de organização sociocultural coletiva.

Em relação à agricultura familiar vale ponderar que, tem havido fragilidade ou ausência do Estado no apoio, pois, embora a produção seja centralmente em prol da subsistência, há uma parte que é necessária para a venda, considerando outras necessidades sociais e econômicas, porém há poucas possibilidades de venda. Ademais tem se tornado cada vez mais difícil o acesso aos roçados e a utilização de novas áreas para o plantio que torna-se cada vez mais distante.

Outra questão é a produção de artesanato, onde os artesãos retiram da natureza a matéria-prima para a subsistência, citam-se os produtores de tipiti, peneira, vassoura etc. As famílias se reúnem para produzir seus artesanatos durante o mês e ao final levam seus produtos para a cidade visando a comercialização. Existe também a associação de mulheres do crochê formada por jovens e adultos que trabalham em conjunto.

Relativos aos aspectos culturais no quilombo muniram-se de heranças deixadas tradicionalmente ao longo do tempo. Assim, indicamos os processos socioculturais, a exemplo das festas (danças tidas pelos comunitários como tradicionais: onça-te-pegá, gambá, garcinha, lundum e as festas de santo católico: São Sebastião, Divino Espírito Santo e Santa Tereza do Matupiri). Essas relações socioculturais religam tempos, espaços, saberes, identidades. Apontam processos e

formas de conhecimentos referidos no Andirá, haja vista que, os processos culturais conectam-se aos contextos sociais e históricos a que se referem. Posto que “a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social” (CERTEAU, 2012, p. 192).

Na pesquisa de campo um primeiro questionamento diz respeito à participação das lideranças nas reuniões/ações/organizações realizadas pelo movimento quilombola. Sobre isso, os participantes responderam que:

É importante participar para estarem por dentro de tudo que acontece no quilombo, as pautas tratadas nas reuniões, e assim poder repassar as informações corretas aos seus familiares (Liderança 1, Pesquisa de Campo, 2022).

Ter o conhecimento das pautas discutidas e repassar para o povo em geral, já que as reuniões e outras ações geralmente são realizadas no polo que é Santa Tereza, sempre instigando soluções para as demandas discutidas (Liderança 2, Pesquisa de Campo, 2022).

A participação é importante, pois muitos quilombolas são acanhados tem medo de falar suas dores, então ela pode falar por eles e apresentar as contribuições dos demais, esclarecendo também os assuntos que às vezes não entenderam e não querem perguntar (Liderança 3, Pesquisa de Campo, 2022).

Eu sempre falo em favor das lutas dos quilombolas do Andirá, visando reconhecimento das comunidades quilombolas que ainda nos dias de hoje são invisíveis. Participo dos eventos e encontros em nome do presidente, levando relatos demandados de dentro das comunidades quilombolas, a realidade vivida dentro dos quilombos do Andirá (Liderança 4, Pesquisa de Campo, 2022).

A importância de sua participação se designa como um incentivador das pessoas que estão crescendo no movimento, ou seja, os jovens, passando sua experiência de vida em sua trajetória na luta por direitos, mesmo não sendo mais presidente, sigo em união junto à federação, sendo representante da federação no conselho de saúde, sendo um líder dos quilombolas do Andirá (Liderança 5, Pesquisa de Campo, 2022).

Percebe-se nas falas dos entrevistados que a participação é elemento fundamental, tendo em vista que por meio desta é possível apreender conhecimentos que contribuam na luta por direitos no contexto das comunidades. Ao mesmo tempo, o processo da participação permite que as lideranças levem as reais necessidades encontradas no interior do quilombo para as instâncias políticas e organizacionais que atuam com intervenções requeridas.

Nos relatos identifica-se que, quando o movimento quilombola organiza ações envolvendo não só Santa Tereza, mas também os demais quilombos, os

participantes das ações buscam repassar aos demais quilombolas que, por ventura, não puderam participar ou não tem informações das demandas pautadas nas reuniões/ações e outros. E assim se firmar nessa luta travada há séculos reivindicando direitos ancestrais e jurídicos.

Essas falas corroboram o que Montaño e Duriguetto (2013) enfatizam sobre esses diversos movimentos os quais têm sido fundamentais para o fortalecimento da sociedade civil na construção dos direitos, assim como para pressionar o Estado quanto às reivindicações demandadas.

Nessa direção, Gohn (2003) chama atenção para a importância da participação nos espaços de articulação política, pois é uma forma de exercitar a democracia, relevar o papel da sociedade civil e ampliar o debate e luta por políticas públicas de acordo com as necessidades da população que demanda. Assim sendo, Demo (2009) conceitua participação como um processo contínuo que envolve reivindicações, autopromoção e outras dimensões que reafirmam a participação como conquista cotidiana necessária para a promoção da cidadania dos sujeitos presentes na dinâmica social.

Questionados sobre a importância dessas manifestações culturais para o quilombo, os participantes relataram que:

Essas manifestações fazem o resgate do que já estava sendo esquecido, lembrando aquilo que já se foi como as danças tradicionais onça-te-pegá, lumdum, gambá que são passados a gerações (Liderança 4, Pesquisa de Campo, 2022).

Através dessas manifestações estamos revivendo nossa cultura. As brincadeiras e as atividades recuperam heranças deixadas pelos antepassados, apresentando-se nos dias de hoje. Ou seja, não deixando enfraquecer muito menos morrer esse legado deixado por eles (Liderança 2, Pesquisa de Campo, 2022).

As manifestações culturais nos identificam como povo de cultura forte, viva, presente e autêntica (Liderança 3, Pesquisa de Campo, 2022).

É importante essas manifestações culturais, pois revive, o que estava se perdendo, principalmente as danças típicas, pois os que sabiam foram morrendo e, aos poucos, deixando seus ensinamentos aos seus familiares que são heranças passadas e revividas até os dias de hoje. E contribuem para reafirmar a identidade quilombola (Liderança 5, Pesquisa de Campo, 2022).

As falas em destaque evidenciam que, no geral, as expressões culturais funcionam como formas de reviver o passado em uma conexão com o presente,

sendo esse fato central porque identifica o povo quilombola como detentor de uma “cultura forte, viva, presente e autêntica”. Ou seja, Thiollent (1982) afirmara ser a cultura um conjunto que representa um determinado público/povo, estando presentes os afetos, hábitos, tradições, regras, simbolismos e outros elementos identitários.

Wagley (1988) diz que cada comunidade típica de uma região possui suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. Dessa maneira, as culturas, historicamente, são desenvolvidas e se formam de elementos de origem largamente difundidos por outras culturas.

Por isso, os comunitários, sempre que possível costumam se envolver nas questões culturais do quilombo, seja como partícipe direto seja como prestigiador das ações. É uma forma de “mostrar a união da FOQMB dentro do quilombo” (Liderança 2, Pesquisa de Campo, 2022) e fortalecer a escola, as tradições e a comunidade como um todo.

Nas falas dos entrevistados um item de análise que também merece atenção corresponde ao entendimento das manifestações culturais como canais para fortalecer a identidade quilombola, conforme observamos a seguir.

Sim, pois se não é lembrado vai para o esquecimento as manifestações. E a inserção dos jovens no movimento revive e reafirma a identidade quilombola, mostrando que o Andirá existe sim os quilombolas, como eram conhecidos no futebol, os pretinhos do Andirá (Liderança 4, Pesquisa de Campo, 2022).

Sim, pois reafirma que no quilombo existiu e existem culturas quilombolas e são repassadas a gerações, histórias contadas através dos traços culturais (Liderança 2, Pesquisa de Campo, 2022).

Sim, pois a nova geração não viram, mas os velinhos, a historia é repassada a eles através dessas manifestações, principalmente das danças tradicionais e artesanatos (Liderança 3 Pesquisa de Campo, 2022).

A cultura relembra os antepassados e seus costumes. É a história sendo contada através de danças e de produção de artesanatos (Liderança 1, Pesquisa de Campo, 2022).

As relações culturais que vão se perdurando dentro do quilombo, de algum modo, reitera a identidade quilombola. Santa Tereza do Matupiri sempre se identificou como comunidade ribeirinha, e é justamente por meio da história que os

comunitários no âmbito do movimento social reivindicam a identidade quilombola e territorial na condição de remanescentes das comunidades negras rurais.

Assim, verifica-se nos estudos de Almeida (2011) que a identidade cultural está relacionada à questão étnica de ser quilombola, pois pressupõe o processo da luta e resistência histórica dos povos no contexto rural da Amazônia, em especial dos quilombolas do rio Andirá os quais tem construído forças políticas e culturais visando a titularidade definitiva da terra e do território.

Para o fim que se propõe, reiterou-se na coleta de dados a discussão sobre o acesso às políticas públicas no geral, isto é, como os povos quilombolas tem acesso a partir de suas realidades locais no rural e nas cidades. Responderam que:

Com muita dificuldade de acesso, precisa-se de um olhar mais direcionado a esse povo quilombola, que luta por uma saúde de qualidade, educação e direitos sociais que são quase nulos. O posto ainda não está completamente equipado, a escola não esta climatizada, são nossos direitos sendo violados (Liderança 1, Pesquisa de Campo, 2022).

Através de lutas e lutas aos poucos estamos conseguindo acessar nossos direitos, principalmente a uma educação e saúde de qualidade. Na educação já está sendo garantida a educação quilombola em sala de aula e com setor quilombola em vigor na secretaria municipal, porém a escola possui uma infraestrutura que deixa a desejar. Escola sem climatização para as crianças. Agora com a UBS equipada e em funcionamento, mas ainda buscando aprimoramento a nosso povo tradicional (Liderança 2, Pesquisa de Campo, 2022).

Ainda têm muito a se fazer em relação aas políticas públicas, muitos projetos montados, porém não são aplicados, em se falar de educação agora depois de muitas lutas estão melhorando ainda não como o esperado, mas já se deu um inicio da valorização da educação quilombola em sala de aula, contando com a formação dos professores em ensino quilombola, garantindo o acesso através do reconhecimento de nossos direitos (Liderança 3, Pesquisa de Campo, 2022).

O acesso as políticas públicas ainda é limitado. Principalmente na previdência social precisa de melhorias (Liderança 5, Pesquisa de Campo, 2022).

Esses dados vão de encontro com os debates de diversos autores que estudam a realidade de povos e comunidades tradicionais no mundo rural da Amazônia brasileira. Teixeira (2008), Ranciaro (2016), Ribeiro, Souza e Nascimento (2019) e outros enfatizam que, a dificuldade para os povos rurais, em grande parte, é sempre redobrada quando falamos em políticas públicas. Pois, tem a ver com os deslocamentos das comunidades rurais à cidade, com a informação sobre seus direitos, com o princípio da diferença nos atendimentos que poucas vezes ou quase

nada é levado em consideração, e com a questão étnico-racial na perspectiva da dialética diversidade/desigualdade.

Teixeira (2008) ao fazer uma leitura sobre o contexto amazônico, em particular com o olhar para o meio rural, diz que as políticas públicas em geral são incipientes ou às vezes inexistentes dentro dos territórios rurais. E isso tem a ver com a verticalização, uma vez que, mesmo no século XXI, muitas políticas quando são elaboradas levam em consideração a realidade sul-sudeste e pouco reconhecem a singularidade amazônica com suas particularidades sazonais, geográficas, culturais, territoriais, ambientais etc.

CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo central analisar as estratégias de organização sociopolítica e cultural desenvolvidas pelo movimento quilombola de Santa Tereza do Matupiri, e a partir disso, refletir sobre o acesso aos direitos sociais, sendo o quilombo do Matupiri um território localizado na área rural do município de Barreirinha-AM.

Santa Tereza do Matupiri é o maior quilombo do rio Andirá em termos populacionais, por isso, funciona como Distrito para os demais é onde se concentra a base da FOQMB. Para além da Federação, este quilombo conta com uma organização sociopolítica local, tendo em vista a necessidade de reivindicação coletiva junto aos órgãos governamentais. Durante a pesquisa foi perceptível a importância que os moradores dão à organização política, embora a gente entenda que precisa de mais articulação entre as lideranças do movimento social com os moradores.

Ademais, as manifestações culturais são vistas pelos quilombolas como um processo de reafirmação da identidade política. Há várias expressões da cultura visualizadas nas danças típicas, nas festas de santo, nos festivais locais, na produção do artesanato e em outras atividades que denotam a organização sociocultural como relevante na formação do quilombo. Por outro lado, reclamam de

falta de apoio e investimento estatal no intuito de contribuir com o território.

Por fim, a questão mais problemática diz respeito ao acesso aos direitos sociais no campo jurídico, visto que, embora já tenham conquistado o reconhecimento como comunidade quilombola, permanece a luta pela titulação definitiva da terra. Certamente, a pauta da titulação é base para as demais pautas que envolvem as políticas públicas nas áreas da educação, saúde, assistência e previdência social, moradia e outras. Assim, relatam a parcialidade ou até mesmo a ausência da intervenção do Estado na ótica da proteção social. Logo, resta-lhes a continuidade das lutas e resistências em prol dos direitos ancestrais, étnicos e jurídicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. de. **Quilombolas e as novas etnias**. Manaus: UEA edições, 2011.

CHAVES, M. P. S. R. A organização sócio-cultural e política das populações rurais na Amazônia. *In*: CHAVES, M. P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia**: o estudo de caso do assentamento de reforma agrária Iporá. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p. 61-96.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOHN, M. da G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2003.

IBGE. **Panorama do município de Barreirinha-AM**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/barreirinha/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LEITE, I. B. Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas. **Textos e Debates**. Núcleo de estudos sobre identidade e relações interétnicas – NUER/UFSC, Santa Catarina, n. 7, p. 1-40, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/126236>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OLIVEIRA, G. I. F. de. **Comunidade Quilombola de Santa Tereza do Matupiri/AM**: conflito, resistência e reconhecimento territorial no rio Andirá. 2022. 236 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do

Amazonas, Manaus (AM), 2021.

MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M. L. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez, 2013.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

RANCIRAO, M. M. M. de A. **Os cadeados não se abriam de primeiro**: construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (Município de Barreirinha – Amazonas). 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Amazônico, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

RIBEIRO, P. A.; SOUZA, D. O.; NASCIMENTO, M. A. C. Povos indígenas e comunidades quilombolas: reflexões iniciais sobre a operacionalização da política de assistência social no município de barreirinha (AM). **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais** – CBAS. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1694/1655>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ROCHA, J. M. da. **Das sementes aos troncos**: História e Memória do movimento quilombola do Rio Andirá. 2019. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

TEIXEIRA, Joaquina Barata. Meio Ambiente, Amazônia e Serviço Social. In: **Revista em Pauta** – Faculdade de Serviço Social/RJ. n. 21, p. 141-152, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/94/87>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

WAGLEY, C. **Uma Comunidade Amazônica**: estudo do homem nos trópicos. 3. ed. Tradução de Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

,

,